

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 57
08 de maio de 2010

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Então vamos lá. Boa tarde a todos. Sejam bem-vindos.

Daqueles que estão presentes hoje, daqueles que não ouviram a aula anterior, por favor, ouçam logo após esta, porque esta aqui é uma continuação imediata, as duas formam um conjunto. Muito bem. Aulas atrás, logo no começo do curso, eu fiz observar que toda percepção que nós temos do mundo exterior e também do nosso próprio mundo físico interior nunca é contínua, é sempre recortada, sempre picotada. De fato nesse sentido, nós só temos fragmentos, não temos uma única percepção que você possa ter de maneira contínua.

Os nossos pensamentos também são totalmente descontínuos, você não consegue se concentrar na mesma coisa durante um minuto. O pensamento está toda hora escapando. Da descontinuidade das percepções nós poderíamos tirar a conclusão kantiana de que o mundo nos chega por fragmentos soltos e que a nossa mente os unifica. Só que quando examinamos a nossa mente, nós vemos que ela é ainda mais fragmentada do que o mundo das percepções sensíveis, a rigor existe até mais continuidade no mundo físico do que nos nossos pensamentos. O fato de que, por exemplo, a experiência de você acordar, perceber que está no mesmo lugar onde você dormiu, mas não de imediato, num primeiro instante você não sabe aonde está e depois você reconquista a unidade da sua percepção, da situação que você ocupa, a partir de um dado que você recebe do mundo exterior. Os dados do mundo exterior ajudam você a reconquistar aquela unidade, aquela continuidade que o pensamento está sempre perdendo.

O Gurdjieff, que era um terrível gozador, dizia que se alguém conseguisse se concentrar durante cinco minutos no seu próprio polegar todos os problemas estariam resolvidos, mas você pode testar, pode ver que é absolutamente impossível. Mesmo pessoa com um altíssimo nível de concentração, eu digo, de quanto tempo dura a concentração delas e no que consiste a concentração, senão em você retomar um fio da meada que você está perdendo o tempo todo. A concentração humana não consiste em nada mais do que uma capacidade de reconstituir uma unidade que está permanentemente se esvaindo. Portanto, a fragmentariedade da nossa percepção não pode ser compensada de maneira alguma por uma misteriosa unidade mental kantiana, já que a nossa mente é ainda mais fragmentária, nossos pensamentos são ainda mais fragmentários que a percepção.

Quando nós começamos a estudar lógica, todos os conceitos lógicos, os conceitos que nós operamos em lógica, são conceitos separados. São substâncias individuais as quais você dá um nome e que depois conecta através do verbo ser. Reconstituindo uma espécie de simulacro verbal de uma unidade hipotética. Até o verbo ser, em lógica, é chamado a *cópula*, porque ele junta dois conceitos. Mas, você pode ver que qualquer discurso lógico se constitui de uma série de unidades separadas, discretas, que são juntadas idealmente pelo verbo ser. Ou algum outro que seja usado neste sentido.

Parece que tudo o que está a nossa disposição, as percepções, os pensamentos e até este simulacro de unidade que é o discurso lógico, tudo isso se compõe de fragmentos e, no entanto, todos nós sabemos que a unidade do real é uma condição sem a qual não poderia haver nem conhecimento, nem percepção, nem pensamento, nem coisa nenhuma. Então, nós perguntamos, se esta unidade não está dada no mundo físico exterior, também não está dada na nossa mente e também não está dada na reconstituição artificial que nós fazemos pela lógica – onde, raios!, está então?

Esta questão se associa freqüentemente a uma outra, que eu acho umas das questões mais idiotas do mundo, que é a das relações entre mente e corpo. Quando você vê os programas de estudo de filosofia aqui nos EUA, ele se consiste quase sempre em você criar dilemas diabólicos e, então, começa a discutir aquilo indefinidamente. [Desta questão] das relações mente-corpo, o que já se publicou aqui nos EUA dá para encher toda a biblioteca do congresso e ainda sobra um pouco. Sempre a coisa é colocada assim: como que um negócio que é puro pensamento pode mover um corpo no espaço? Esta questão recoloca no seu próprio nível a questão da unidade, para você saber o que unifica o mundo, unifica a realidade, você precisa saber o que unifica a sua mente com o seu corpo, mas como você não consegue nem mesmo resolver isso, então, a questão da unidade do real se torna, aí sim, um bicho de sete cabeças.

Mas essas questões sempre aparecem, pelo fato de que nós, partindo de uma experiência muito mal, muito superficialmente observada, nós criamos conceitos e a partir daí, exigimos que um interlocutor ou que nós mesmos, consigamos montar esses conceitos de uma maneira que resolva os enigmas que assim foram colocados, é um procedimento extremamente artificial e artificioso. Muitas questões que nós colocamos em filosofia, elas podem ter respostas, mas você jamais encontrará respostas para elas na base da discussão ou da argumentação, isto é impossível. Quanto mais você argumentar, mais a questão vai se complicar, complicar, complicar, complicar, complicar... O que nós temos que fazer é recuar dessa discussão para uma apreensão intuitiva mais exata do que está se passando, ainda que esta apreensão não consiga se expressar verbalmente de maneira muito clara, aí de uma vez por todas, você tem que decidir, você quer saber as coisas mesmo que não consiga explicá-las para ninguém ou você quer ter uma explicação que todos tenham que aceitar que seja universalmente probante, obrigatória? Dito de outro modo, você quer conhecer ou você quer persuadir? Então, também perguntando de outra maneira, você quer obter a resposta à questão,

de maneira que você a entenda ou você quer obter uma resposta que já venha verbalizada sob forma que os outros tenham que aceitar?

Eu acho que o fato de que as investigações filosóficas se procedam por meio de discussões públicas, eu acho isso um verdadeiro desastre, porque a discussão pública só pode ser feita a partir de conceitos que estejam mais ou menos estabilizados e os conceitos estabilizados, é difícil que eles possam refletir a experiência real, são coisas muito secundárias em relação à experiência. Pior ainda, como essas discussões se desenrolam, não entre pessoas humanas, mas entre cargos públicos, quer dizer, são funções públicas que estão discutindo [filosofia] numa faculdade, num congresso de filosofia. Não são pessoas reais, concretas, vivas, que possam dar um depoimento efetivo, direto da sua experiência e direto da sua alma, então, isso tudo torna muito difícil. Essa é uma condição que se cumpria, por exemplo, de maneira muito melhor, nos famosos diálogos socráticos, que eram uma conversa entre amigos que não hesitavam em recorrer às suas memórias e a seu depoimento pessoal. Muitas vezes nos diálogos de Platão aparece o depoimento pessoal, o sujeito contando uma coisa que aconteceu com ele, meditando e investigando filosoficamente a partir daquele material vivo, imediato.

Hoje não se concebe que uma pessoa faça isso num congresso de filosofia, ficaria fora da circunstância, quer dizer, você já tem que apresentar um produto mental elaborado e formalizado de acordo com as normas acadêmicas. E isso significa que você não pode pegar as questões na sua origem, você não pode enfocar em nenhuma questão originariamente, você só pode pegar material de segunda mão. Aí fica realmente difícil, não estranha que a partir do século XIX, alguns dos progressos da filosofia tenham acontecido justamente a partir de uma espécie de protesto da alma individual, como acontece em Kierkegaard, por exemplo, ele vê todas aquelas discussões filosóficas e diz: “mas onde estaria a minha pessoa real, o que eu tenho a ver com isso?” **[0:10]** Ou, como Franz Rosenzweig que, na trincheira da primeira guerra mundial, ele tinha estudado muita filosofia, foi convocado para a guerra, foi para a guerra, estava lá no meio do bombardeio, vendo cabeça rolando, sangue jorrando para todos os lados e ele pergunta: “mas o quê que tudo que eu aprendi de filosofia me ensina para esse momento aqui?” Nada, tudo aquilo ali é enormemente vazio. Então, várias vezes ao longo da História, a filosofia que começa a se extinguir, começa a perder energia, começa a perder vitalidade, justamente por causa das formalidades da profissão. Tem que se revigorar, voltando justamente àquele material bruto da experiência pessoal que a classe letrada, as pessoas bem educadas tinham rejeitado por ser demasiado primitivo. Essas primitividades, a toda hora, retornam na filosofia e são elas que constituem a carne, o sangue das questões filosóficas.

Agora, se raciocinamos a partir de esquemas já formalmente articulados, em linguagem lógica, nós nunca chegamos a nada. Nós arrumamos um montão de dilemas que podem ser debatidos filosoficamente até o fim dos dias e que alimentam discussões sem fim e justificam de algum modo a existência da profissão filosófica como algo pelo qual as pessoas pagam, que o Estado paga.

Evidentemente não é esse o nosso caminho aqui. Desde o início eu disse aqui:

você tem de fazer uma opção, se você quer convencer os outros ou saber alguma coisa? Primeiro saber, convencer os outros, depois, se for possível. Não digo nem convencer, às vezes você não consegue nem contar o que aconteceu. Você compreendeu algo, mas não tem a linguagem nem mesmo para relatar, quanto mais para expressar, então, lembre-se: saber alguma coisa é saber algo que os outros não sabem. Se você não aceita a solidão de saber o que os outros não sabem ou de saber algo que só dificilmente você poderá explicar, então, é claro, que você não foi feito para a filosofia, mas você foi feito para o debate filosófico universitário, que é uma coisa completamente diferente.

Muito bem, quando nós colocamos essa questão da unidade do real, ou mesmo da unidade entre nossa “mente” e nosso “corpo”. Nós precisamos nos lembrar da circunstância histórico-social-cultural-concreta na qual nós estamos colocando esta questão. Este ambiente, este meio sociocultural no qual nós colocamos a questão e no qual e em cujo vocabulário, cuja linguagem pública nós buscamos os instrumentos verbais que nós vamos nos comunicar. Esse ambiente foi definido pelo advento de uma nova modalidade de ciência, por volta da renascença, com Galileu, Descartes etc. Os preceitos que foram então adotados universalmente, pelo menos no Ocidente, como obrigatórios para todas as discussões que se pretendam ter alguma validade científica, eles determinam não só a cultura ambiente, mas eles determinam a forma da nossa psique, ou seja, a nossa auto-imagem é feita com instrumentos que nós pegamos da cultura existente e para esta cultura só existem dois tipos de realidades: existe, por um lado, as coisas físicas, que você observa no espaço; e em cima delas, ou ao lado delas ou embaixo delas existem os pensamentos humanos, é só isso que existe. Então, existe de um lado o corpo, de outro lado, a mente, e isso é tudo. Da mente saem as produções culturais, as criações culturais, as instituições e inclusive as religiões, tudo isso é produto da mente humana.

Se a cultura é assim, você é educado também nessa base e cada elemento que você recebe, cada informação que você recebe já vem moldada segundo este critério, então, todo mundo aprende logo a distinguir entre o que foi uma percepção física, uma percepção corporal e o que foi um pensamento que ele teve. E não tem aí uma terceira alternativa, não há mais nada, além disso, isso que dizer que a alma, a forma da nossa psique é determinada por esse padrão cultural recebido, porque isto daí já vai fazer quatro séculos e isso impregnou o sistema educacional, a mídia, a linguagem pública, as artes, o cinema, o teatro, a pintura, tudo, tudo. Tudo foi determinado pelo que se chama a cultura moderna; e não adianta você pensar que você é uma pessoa que está imune à cultura moderna, que cultura moderna existe só na praça pública, de que você está livre dela. Você não está de jeito nenhum, porque você não tem outros instrumentos. Aquilo que você não tem linguagem para expressar você acaba perdendo, as impressões mais sutis que você tenha, se você não consegue verbalizá-las e fixá-las de algum modo, elas se perdem e o fato é que a cultura moderna não dá instrumentos para você fixar essas impressões mais sutis, a não ser, às vezes, sob formas poéticas muito extravagantes, misteriosas, como você vê na cultura moderna, você tente ler, por exemplo, Mallarmé, ou um Apollinaire. Você vai ver como ali você tem impressões de uma riqueza

enorme, mas expostas numa linguagem enigmática, que impede que elas se tornem moeda corrente. Só para você entender um poema de Mallarmé você pode gastar semanas, esses enigmas, essas obras de arte enigmáticas, também têm um lugar na cultura, mas elas são compreendidas como expressões de mentes peculiares. Mallarmé tinha uma cabeça muito diferente dos outros, então ele via as coisas assim, então tudo aquilo que está ali também é produto da mente humana.

Você só tem duas coisas: você tem um corpo e você tem uma mente. Se você é um sujeito religioso, você vai acrescentar a isto alguns dogmas da fé. E você vai acreditar que além do corpo e da mente existe, em algum lugar inimaginável, numa dimensão inalcançável, um ser chamado Deus. Que se constitui de puro espírito e que miraculosamente, sublinha miraculosamente dez vezes, interfere no mundo físico. Você não tem a menor idéia de como Deus faz isso, então, a dimensão do divino passa a ser a dimensão do inexplicável. Então existem três coisas: existe o corpo, existe a mente e existe o inexplicável. Como o inexplicável é inexplicável, ele muito menos é, por si, passível de prova, então só resta você apelar a um treco que você chama a fé, então por fé você acredita no inexplicável. Então, isto é a vida no mundo moderno. Ou você é um cidadão ateu, agnóstico, materialista, que acredita que só existe corpo e mente, se existir a mente, porque às vezes até [se] tenta reduzir a mente a uma função do corpo, os pensamentos seriam produtos do cérebro. Na mais rica das hipóteses você acredita em corpo e mente, você é um dualista. Para algumas pessoas existe uma terceira dimensão que é o inexplicável que ele chama de religião e fé. Eu digo, olha, para mim tudo isso aí é um hospício.

Se nós, por exemplo, lermos algumas partes do Evangelho onde Cristo diz: “Tudo aquilo que você pedir com certeza de obter, você obterá”. Eu digo, espera aí, está louco, está bêbado? Como eu posso ter certeza, se as minhas percepções são fragmentárias e a minha mente é fragmentária? Durante quanto tempo eu vou ter certeza? Quer dizer, tenho certeza naquele momento, no instante seguinte já esqueci e estou duvidando, eu penso o contrario. Ademais, a nossa mente funciona dialeticamente, ela funciona por oposições. Você só entende uma frase quando você entende o contrário dela, você tem que pensar os dois, para pensar que A é B, você também tem que pensar o que seria se A não fosse B. Como é possível ter fé nessas condições? Se só **[0:20]** existe o meu corpo e a minha mente, então eu estou num mato sem cachorro, não dá para ter a tal da fé. Isso, digo eu, porque sou um sujeito sincero comigo mesmo. Eu digo, nessas condições não dá para ter fé nenhuma. Se só o que existe é isto, não adianta apelar para o inexplicável, porque eu também teria que ter fé no inexplicável e eu não posso ter fé no inexplicável por mais de dois minutos.

É evidente que se Jesus disse isso, é porque ele acreditava que você podia ter fé. Mas se ele acreditava nisso, é porque ele não vivia dentro da atmosfera determinada pela cultura moderna onde só existe corpo, mente e o inexplicável. Na época devia existir uma outra coisa e essa outra coisa devia ser imediatamente acessível a todas as pessoas e fazer parte da experiência comum delas e essa coisa simplesmente desapareceu no curso dos tempos.

Se você observa, se você investiga documentos de outras épocas, você vê que quando as pessoas, qualquer pessoa usava a palavra eu, ela não estava se referindo nem ao seu corpo e nem à sua mente. Hoje, quando você diz eu, você quer dizer, paradoxalmente, o seu interior, a sua vida interior, a sua identidade interior, mas balizada e localizada no seu corpo, você só está onde está o seu corpo. A palavra eu significa um treco que você chama de sua personalidade ou sua identidade, mas você não consegue localizá-la senão no seu próprio corpo, então você passa a ser esse paradoxo. Você é um negócio mental que tem presença corporal, isto é o que nós somos hoje em dia, e quando você diz eu, até quando você vai à igreja se confessar: "Padre, eu fiz aquilo, fiz isto, fiz mais aquilo e eu estou arrependido". Primeiro durante quanto tempo você está arrependido? Permanentemente não pode ser, você esquece. Então, esses atributos da fé, da devoção, do arrependimento etc, etc. Você está tentando localizá-los num ente que não pode ter nenhuma dessas coisas. Um ente composto de corpo e mente não pode ter fé, não pode ter arrependimento. Porque é todo composto de fragmentos. Então, quando nós começamos a observar essas coisas, nós vemos que existe um hiato, um abismo intransponível entre a linguagem da antiguidade, inclusive a linguagem dos Evangelhos e a nossa vivência de hoje, determinada e balizada pela cultura moderna.

A cultura moderna criou uma nova visão do eu humano, diferente de tudo que se conhecia na antiguidade. Esta nova visão, como é balizada pelo dualismo de corpo e mente, ela é tão, tão, tão diferente da visão antiga, que você vê que tudo aquilo que está colocado nos Evangelhos - Os Evangelhos são documentos da antiguidade, são os documentos mais importantes da antiguidade - tudo aquilo que está colocado nos Evangelhos impõe aos indivíduos certas exigências que são impossíveis. O indivíduo composto de duas séries de fragmentos, uma chamada corpo e outra chamada mente, ele não pode ter nenhuma responsabilidade moral permanente, a não ser mediante uma outra criação da mente humana, que são os códigos que regulam a vida na sociedade. Esses códigos, nenhum deles se refere à substância dos seus atos, mas sim frente à aparência que esses atos têm perante um júri, perante a sociedade, perante a cabeça de um juiz etc, etc. Por exemplo, para você ser condenado por um crime é preciso que o crime tenha o que eles chamam a tipicidade. É preciso que o seu ato coincida com uma certa definição lógica, que está dada lá no código.

Só o que interessa para o julgamento é se o ato que você fez está tipificado no código, se não estiver tipificado no código, pode ser a coisa mais horrível do mundo, você não vai ser punido por aquilo. Note bem, esse é um sistema de responsabilidades aparentes, que você tem perante um código aparente. E isto é a única possibilidade de responsabilidade moral que está acessível a um ente composto de corpo e mente. Então, isso quer dizer o seguinte, eu não entendo como as pessoas podem, nessas condições, elas podem ser religiosas, por exemplo. Exige um esforço monstruoso. Na medida em que a cultura moderna não modificou só as instituições públicas e o debate público, mas modificou através da linguagem, modificou a imagem que nós temos de nós mesmos e modificou o sentido atuante, o sentido operante da palavra eu, de tal modo

que quando você diz eu, você está se referindo a corpo e mente e, sobretudo confundindo as duas coisas, a noção do eu moderno é uma confusão entre corpo e mente. Por quê? Você sabe que seu eu não é exatamente o seu corpo, ele é uma pessoa que tem responsabilidade moral, mas onde ele está colocado? Dentro do seu corpo. Então isso é uma mera confusão de corpo e mente.

Tanto que, baseado na mesma divisão de corpo e mente, muitos filósofos examinaram os códigos morais e as crenças religiosas e destruíram tudo. É a coisa mais fácil, se você só tem corpo e mente, então, a coisa mais fácil é demonstrar, como David Hume demonstrou, que você não tem sequer um eu, você não tem um eu, você só tem percepções, por um lado, e você tem palavras com que você cola mentalmente uma dessas percepções a outra. Você não tem um eu, não há uma identidade contínua. E se não há uma identidade contínua, como pode haver responsabilidade, como pode haver fé etc, etc?

A partir do momento em que se estabeleceu o reinado do dualismo, de Galileu e Descartes. Que foi subscrito por praticamente toda a cultura moderna, se criou uma impossibilidade de acesso a certas vivências que antes disso as pessoas tinham de maneira muito fácil. Ora, se você é um sujeito cristão ou crente de qualquer religião, você acredita que você tem uma alma imortal. Você entende que essa alma imortal não é nem o seu corpo e nem a sua mente. Tem uma terceira coisa, mas essa terceira coisa só vai aparecer quando você morrer, você não tem nenhum acesso a ela. Tudo o que você está fazendo, ou você faz pelo seu corpo, ou pela sua mente ou usando os dois; e tudo isso é mortal. Tanto para você ter um acesso a idéia de unidade do real, quanto para você ter acesso a unidade da sua própria pessoa, quanto mais ainda para você ter acesso às realidades que a religião está mencionando, você está num mato sem cachorro.

Partindo disso, eu vou ler aqui um negócio para vocês, que eu comecei a escrever como apostila para esse curso, mas como eu consegui condensar aquilo num tamanho razoável, eu até mandei para o Diário do Comércio, deve ser publicado semana que vem, mas foi escrito para esse curso aqui. Chama-se *O que sobrou da religião* (<http://www.olavodecarvalho.org/semana/100512dc.html>), eu vou depois colocar esse texto no seminário, antes mesmo de sair no Diário do Comércio:

“Se há neste mundo um fato bem comprovado, é a percepção **[0:30]** extra-sensorial durante o estado de morte clínica. Um corpo inerte, sem batimentos cardíacos ou qualquer atividade cerebral, desperta de repente e descreve, com riqueza de detalhes, o que se passava durante o seu transe, não só no quarto onde jazia, mas nos outros aposentos do casa ou do hospital, que de onde estava não poderia ver nem se estivesse acordado, bem de saúde e com os olhos abertos.”

Ou seja, há uma atividade perceptiva, num estado de total inércia cardíaca e cerebral. E não só existe esta atividade, mas ela produz mais informações do que você poderia obter se estivesse com o seu coração e cérebro funcionando.

A percepção, ela com o coração parado e com o cérebro parado ela intensifica.

“Isso já se repetiu tantas vezes, e foi atestado por tantas autoridades científicas idôneas, que só um completo ignorante na matéria pode teimar em permanecer incrédulo. Mas mesmo alguns que reconhecem a impossibilidade de negar o fato relutam em tirar a conclusão que ele impõe necessariamente: os limites da consciência humana estendem-se para além do horizonte da atividade corporal, inclusive a do cérebro. A relutância em aceitar isso mostra que o “homem moderno” - o produto da cultura que herdamos do iluminismo - se identificou com o seu corpo ao ponto de sentir-se amedrontado e ofendido ante a mera sugestão de que a sua pessoa seja algo mais. É evidente que aí não se trata só de uma convicção, de uma idéia, mas de um transe auto-hipnótico incapacitante, de um bloqueio efetivo da percepção.”

O que eu estou dizendo aqui é que a cultura moderna, com esse negócio de mente e corpo. Na medida em que esta concepção dualística e redutiva se impregnou na cultura ela também se impregna nas almas individuais e ela forja uma imagem do eu baseada em mente e corpo. E a partir da hora que você se convenceu de que você é isso, é muito difícil tirar você de dentro dessa jaula e mostrar que você é algo mais.

Quando as pessoas tentam fazer isso elas entram, as vezes, em especulações ou tentativas que são enormemente desastrosas. Uma delas é a de você fazer exercícios espirituais, que lhe desliguem do corpo e lhe coloquem num outro plano. Ora, se no mesmo instante em que você está tendo essa existência corporal aqui, você existisse num outro plano que está desligado do corpo, preste bem atenção: você não teria uma identidade, mas teria duas. Se existe uma outra identidade sua, separada do seu corpo, você é duas pessoas e não uma. E é por isso que inumeráveis “práticas espirituais” enlouquecem as pessoas. Mais ainda, tem outros exercícios que dizem que você precisa destruir o ego, destruir o eu. Eu digo, mas se eu destruo o eu, quem vai contar a história para mim mesmo, quando eu terminar minha experiência?

Outros ainda acham que você tem de domar o corpo, negar as necessidades e os apetites dele, para você desenvolver uma outra dimensão, que chama espiritual. Isto, às vezes, dá um resultado um pouquinho melhor, porém, a partir do momento em que você acredita que você dominou o seu corpo, você adquiriu o poder. E como você poderia, agora que você se tornou mais poderoso, ser humilde perante Deus e reconhecer a sua total nulidade perante ele? Na medida em que o sujeito se dedica a esse ascetismo, ele desenvolve quase que necessariamente uma espécie de orgulho, que vai cristalizar e condensar um negócio que ele chama de sua alma. Como uma dimensão superior que agora domina o corpo, a alma está colocada perante o corpo como um domador perante uma fera, eu digo que aí também, naturalmente, você é duas pessoas. Porque o seu corpo quer uma coisa, a sua alma quer outra.

Se você é um sujeito molenga, preguiçoso, como todos nós somos, você segue o corpo. Se você é um cara durão, você segue a alma e manda o corpo calar a boca e sai orgulhoso do que você fez, mas nesses dois casos você é duas

peças. Portanto, o problema da unidade, ao invés de estar resolvido, ele fica piorado. E é isso que eu chamo o bloqueio efetivo da percepção, se você chegou a vivenciar a sua pessoa, como um bicho de dois andares, composto de corpo e pensamento ou corpo e mente, você está bem arrumado.

“Esse estado é implantado nas almas, pela tremenda pressão anônima da coletividade, que as mantém em estado de atrofia espiritual, mediante a ameaça do escárnio e o temor - imaginário, mas nem por isso menos eficiente - da exclusão.”

O sujeito acha que se ele perceber algo para além disso aí vão chamá-lo de louco, vão rir da cara dele. E talvez, ele vai perder a namoradina, vai perder o emprego etc etc.

“Infinidamente multiplicado e potencializado pelo sistema educacional e pela mídia, o que um dia foi mera idéia filosófica, ou pseudo-filosófica, incorpora-se nas personalidades individuais como reflexo de autodefesa.”

A famosacena em que Jung estava contando para Freud certos experimentos psíquicos e espirituais que ele tinha feito, e o Freud recuou, ficou horrorizado, ela tinha medo daquilo que era obscuro, desconhecido, demoníaco. E o Freud nunca mais quis ouvir falar daquilo. O Freud se apegou até o fim à idéia de uma estrutura da mente, inteiramente baseada em impulsos que são corporais no fim das contas. Você tem o princípio do prazer e um princípio de autodefesa e os dois de opõem e brigam entre si, ele reproduz no plano de uma mente totalmente material, o dualismo de mente e corpo.

“(...) Incorpora nas personalidades individuais como reflexo de autodefesa e na mesma medida, restringe a autopercepção de cada qual ao mínimo necessário para o desempenho nas tarefas imediatas da vida socio-econômica. É tudo uma profecia auto-realizável: se a evidência avassaladora da percepção extra-corporal é negada, não é só porque as pessoas não acreditem nela, é porque se tornaram realmente incapazes de vivenciá-la de maneira consciente. Vivem alienadas da sua experiência psíquica mais profunda e constante, encerradas num círculo de banalidades no qual o triunfalismo “cultural” e “científico” da mídia popular infunde uma ilusão de riqueza e variedade.

O “mundo real” no qual essas pessoas acreditam viver é o dualismo galilaico-cartesiano, já totalmente desmoralizado pela física de Einstein e Planck, mas que a mídia e o sistema escolar continuam impondo à alma das multidões como verdade definitiva: tudo que existe nesse mundo são as “coisas físicas” e, em cima delas, o “pensamento humano”, as “criações culturais”. De um lado a realidade dura da matéria regida por leis supostamente inflexíveis, nas quais se fundamenta a autoridade universal e inquestionável da “ciência”; de outro, a pasta mole e dúctil do “subjetivo”, do arbitrário, onde toda opinião vale o mesmo. Dessa esfera “subjetiva” faz parte a “religião”, que é o direito de crer no que bem se entenda, com a condição de não proclamá-lo jamais como verdade objetiva ou valor universal.

[0:40] Nessas condições, o próprio exercício da religião torna-se uma

caricatura grotesca. Tanto quanto o ateu, o homem religioso de hoje acredita piamente na existência de uma esfera material autônoma, regida por leis próprias, que a ciência enuncia, só de vez em quando rompida pela interferência do “milagre”, do “inexplicável”, do “divino”. Por mais que a filosofia esculhambe com o “Deus dos hiatos” (aquele que só age por entre as brechas do conhecimento científico.)

Se prestando a esperança entre os ateus de que o inexplicável de hoje, seja explicável amanhã.

“Por mais que a filosofia esculhambe com o deus dos hiatos, ele é o único que restou no altar das multidões de crentes. Oficializada pelo *establishment* governamental, universitário e midiático, a rígida separação kantiana de “conhecimento” e “fé” tornou-se verdade de evangelho para a maioria das almas religiosas, embora ela seja, em si, perfeitamente herética à luz da doutrina católica.”

A Igreja Católica, ao contrário, sempre insistiu no “*crede ut intelligas, intellige ut credas*”, “crê para compreender e compreende para crer”. Mas depois de Kant, entender é uma coisa e ter fé é outra completamente diferente.

“(...) interpondo um abismo infranqueável entre dimensões cuja interpenetração, ao contrário, é a própria essência concepção cristã do cosmos. É novamente a profecia auto-realizável em ação: à percepção mutilada do eu individual corresponde a uma religião mutilada e vice-versa.

Quando digo percepção mutilada, estou afirmando taxativamente que a imagem do eu como algo que reside no corpo ou que, em casos extremos, se identifica com ele, é fantástica, ilusória, doente. Ela impõe à consciência limitações que não são de maneira alguma naturais, muito menos necessárias. Todas as tradições espirituais do mundo, todas as disciplinas sapienciais começam pela constatação óbvia de que o eu não é o corpo, não “está” no corpo, mas de certo modo o abrange como o supra-espacial transcende e abrange o espacial (este é balizado por certas relações matemáticas que, em si, não estão em parte alguma do espaço). Mas uma coisa é compreender isso por pura lógica, outra bem melhor é poder constatar-la no fato vivo da percepção extra-sensorial em casos de morte clínica. Bastaria, a rigor, um único episódio desse tipo para dar por terra com a balela de que o cérebro, isto é, o corpo, “cria” a cognição, o pensamento, a consciência. Mas os episódios são milhares e o desinteresse dos crentes por esse tipo de fenômenos (mais estudados por ateus, adeptos da *New Age* e budistas do que por católicos, protestantes, ou mesmo judeus crentes) denota que a mente religiosa já se conformou com o estado de existência diminuída, em que a alma supracorporal, condição fundamental do acesso a Deus, só passará a existir no outro mundo, por alguma transfiguração mágica da psique corporal, em vez de constituir já nesta vida a nossa realidade pessoal mais concreta, mais substantiva e mais verdadeira, presente e atuante nos nossos atos mais mínimos como nas nossas vivências mais elevadas e sublimes.”

Aqui estou dizendo o seguinte, primeiro, em outras épocas, e isso está fartamente documentado, qualquer sujeito que usava a palavra eu, ele se

referia à carreira inteira da sua pessoa neste mundo e no outro. Ou seja, a sua dimensão imortal já estava presente ali. E é disso que fala quando dizia eu. Porque, veja, se só existe mente e corpo e a sua mente consiste inteiramente em conceitos que você tirou da experiência sensível, articulados por algumas formas lógicas. Então esta é o que nós podemos chamar de sua mente carnal, se você só tem o corpo e a mente carnal e isto é tudo que tem hoje, inclusive os religiosos só tem isso, não conseguem mais nada.

Então, meu filho, como é que você pode ir para o céu ou para o inferno? Quem vai para o céu e para o inferno não é sua alma carnal, é a sua alma imortal. Se a alma não é imortal, ela não vai nem para o céu nem para o inferno. E onde está a sua alma imortal, meu Deus do céu? Ela não está no corpo nem na mente. Mas quando você usa a palavra eu você está se referindo a corpo e mente. Você não fala mais em nome da sua alma imortal, a sua alma imortal não faz parte do seu eu e quando você vai lá confessar seus pecados, não é a sua alma imortal que está se confessando, é a sua alma carnal. A qual, em si, a rigor, ela não pode ter pecado nem santidade. Só a alma imortal pode ter essas duas coisas. A alma carnal só existe na esfera material e na esfera cultural, ela pode cometer delitos, por exemplo. Coisas que as outras pessoas dizem que são ruins.

Como que a alma mortal, carnal, a alma cerebral, por assim dizer, poderia se relacionar com Deus? O que ela pode ter a ver com a eternidade? Absolutamente nada. Se o nosso ser se reduz a isso aí, a idéia de conhecer a Deus, de ter visão de Deus é totalmente estapafúrdia. Quando você lê, por exemplo, *A Divina Comédia* de Dante, foi uma obra que não causou nenhuma estranheza quando foi publicada. Ela mostrava o trajeto de uma pessoa guiada primeiro por Virgílio e depois por São Bernardo, fez entre os vários planos de realidade, os vários mundos, desde o inferno até o céu, passando pela terra e purgatório. Esta era a dimensão inteira a que as pessoas se referiam quando elas diziam eu. Todo mundo era assim, não havia concepção materialista, não havia Galileu, não havia Descartes, não havia dualismo de corpo e mente, não tinha nada disso. A realidade de um ser humano, que de algum modo era sensível ao seu destino pós-terrestre. E que existia, então, na tensão permanente entre todos esses planos de realidade enormemente afastados entre si, isso não estava na cabeça dos filósofos, estava na cabeça de qualquer um. A presença do céu e do inferno, a presença dos anjos e demônios, é uma coisa tão enormemente atestada por toda a literatura da antiguidade cristã e de toda a Idade Média. Todas as pessoas viviam num mundo que tem céu e inferno, anjos e demônios e quando falava de eu, falava de alguém que estava se movendo no meio de todas essas possibilidades.

Então, o que era o eu? O eu era o personagem que tinha um destino eterno, benigno ou maligno. Portanto, o eu era a alma imortal, da qual, na verdade, as pessoas não sabiam muito mais do que nós, mas sabiam que existia. E sabiam que existia não depois da morte, isto é importante, porque as pessoas hoje, como elas só têm corpo e mente, só pensam em uma alma imortal depois da morte. Eu digo, mas que coisa estranha, se você não é mortal agora, como é que você vai ser depois da morte? Não é uma estupidez? Isso quer dizer que a vivência da alma imortal desapareceu da nossa cultura. Só sobrou corpo e

mente e as pessoas ainda têm a cara de pau de ser religiosas assim. Eu digo, se eu não tenho uma alma imortal para que eu vou ser religioso? Não faz o menor sentido. **[0:50]** Eu vou forçar a barra para eu virar uma outra coisa depois que eu morri?

Estes experimentos, estes fenômenos de percepção extra-sensorial durante o estado de morte clínica, eles nos dão uma pista para você recuperar esse sentido da alma imortal. Eles não nos dão tudo, mas nos dão uma dica. Porque se o sujeito está clinicamente morto, o coração não funciona, o cérebro não funciona, nada funciona; ele continua sabendo das coisas e fica sabendo até mais do que ele poderia saber se estivesse acordado. Isso significa que a sua consciência de fato não está limitada ao corpo e não está limitada àquilo que você chama de mente. Por quê? Se você está num quarto, você não pode enxergar o que está no outro quarto. Seu corpo não chega lá, e a sua mente, chega? Não, a sua mente pode conjecturar o que está lá, mas ela não pode ver o que está lá. Então, o conhecimento que essas pessoas adquirem durante aquele momento, transcende infinitamente o que nós chamamos de corpo e o que nós chamamos de mente também.

Mais ainda, as pessoas que passaram por essa experiência relatam que durante aqueles instantes elas estavam extraordinariamente inteligentes, tudo que elas queriam saber aparecia imediatamente. Ora, mas se você tem essa experiência durante o estado de morte clínica, ou seja, quando o seu corpo parou, seu cérebro parou, o que te leva a concluir que você não está tendo esse estado exatamente agora? Apenas o seu corpo e a sua mente estão ocupados demais com outras coisas para que você perceba. Ora, se eu não tenho essa capacidade, como que eu posso adquiri-la durante no instante de morte clínica? Seria absurdo. O estado de morte clínica seria um estado muito privilegiado, que me dá capacidades miraculosas, ou seja, aí você estaria tentando, como diz o outro em latim: explicar "*obscurum per obscurius*", um obscuro por um mais obscuro ainda. Então, de cara, essas capacidades não aparecem no estado de morte clínica, nós as temos e elas se manifestam naquele estado por algum motivo que nós não sabemos ainda. Mas são capacidades humanas, fazem parte do ser humano.

Eu vou ler esse finzinho aqui e depois vou voltar à explicação:

"Os episódios são milhares, e o desinteresse dos crentes por esse tipo de fenômenos (mais estudados por ateus, adeptos da *New Age* e budistas do que por católicos, protestantes, ou mesmo judeus crentes) denota que a mente religiosa já se conformou com um estado de existência diminuída, em que a alma supracorporal, condição fundamental do acesso a Deus, só passará a existir no outro mundo, por alguma transmutação mágica da psique corporal, em vez de constituir já nesta vida a nossa realidade pessoal mais concreta, mais substantiva e mais verdadeira, presente e atuante nos nossos atos mais mínimos como nas nossas vivências mais elevadas e sublimes."

Isso hoje é até difícil de imaginar. Mas, por exemplo, me lembro do romance de George Bernanos, onde tudo que está acontecendo aqui na terra, já está acontecendo num outro plano, celeste ou infernal, ao mesmo tempo. De tal

modo que se aqueles personagens que estão vivendo aquilo, despertassem naquele momento as capacidades que se despertam no estado de morte clínica, eles perceberiam o cenário inteiro e não somente a cena terrestre.

“Durante milênios cada ser humano, ao pronunciar a palavra eu, referia-se de maneira imediata e automática à sua alma imortal, a única que podia orar e responder por seus próprios atos ante o altar da divindade. Dessa alma, a psique corporal era uma parte e função menor, voltada ao meio material e social tão-somente, alheia a todo senso do eterno e, a rigor, incapaz de pecado ou santidade, apenas de delitos e virtudes socialmente reconhecidos. A partir do momento em que a psique corporal foi assumida como realidade autônoma,
“

Regida por leis próprias.

“(...) cada indivíduo só se enxerga a si mesmo como membro de uma espécie animal e como cidadão”

Só tem essas dimensões, você é um bichinho e é um cidadão.

“(...) amputado daquela dimensão que fundamenta o senso último de responsabilidade e cultivando, em lugar dele, o mero instinto da adequação social, adornado ou não de 'moral religiosa'.”

Moral religiosa se torna apenas um adorno que vem enfeitar a sua condição de ser socialmente adequado, bonzinho, normal. Os outros são anormais.

“Imaginem a diferença que isso faz, por exemplo, na compreensão que você tem da Bíblia; se você não a lê com sua alma imortal”, mas somente com a alma corporal.

“(...) talvez fosse melhor não lê-la de maneira alguma, porque a lê com a carne e não com o espírito.”

Se nós não temos nenhuma experiência da nossa alma imortal, da nossa alma transcorporal, não é extra-corporal, preste atenção. Vamos adotar esse termo: transcorporal. Extra-corporal é o que está fora do corpo, o que é diferente do corpo. Transcorporal é o que transcende e abrange o corpo, uma coisa que transcende a outra não a exclui, evidentemente. Aquilo que transcende, abrange.

Portanto, regra número um: a sua alma não está no seu corpo e nem separada dele. O corpo está dentro da alma. Estes fenômenos de percepção extra-sensorial, trans-sensorial do estado de morte clínica, comprovam isso da maneira mais extraordinária, por quê? Porque essas pessoas vêem o seu próprio corpo, todas elas. É como se eu estivesse levantando e vendo meu corpo ali na cama. Vi o corpo, vejo as pessoas no entorno, vi as pessoas no quarto vizinho etc. Vi um monte de coisa em volta. Esta alma não se tornou alheia ao corpo, mesmo com o corpo inativo agora, mas ele ainda existe para esta alma, esta alma conhece o corpo. E se conhece, então, o corpo está

dentro dela como um dado de realidade.

Ora, quando Santo Agostinho diz para vocês: “A verdade está no interior do homem”. O que ele quer dizer? Está dentro da sua mente, é um pensamento seu? Não pode ser. Porque no nosso pensamento a verdade e o erro se misturam o tempo todo. E mesmo as verdades mais sublimes que às vezes nós percebemos, três minutos depois nós esquecemos. Não há nada no meu interior, que eu possa chamar com esse nome de “verdade”. E se Deus estivesse no meu interior, onde estaria o seu Deus? Muito menos pode Deus estar no corpo. Então, aonde está Deus? Aonde esse “dentro”? Ele está dentro da sua alma imortal. O que não quer dizer que Deus seja parte dela. Deus é a substância e o fundamento da alma imortal. Deus criou a nossa alma imortal consigo próprio, ele se infundiu ali, por força do seu amor. A alma imortal não foi produzida por Deus, porque senão ele teria que se separar dela, mas se ele se separasse você deixaria de existir, então ele se infundiu nela. E dentro desta alma imortal está o seu corpo mortal, com uma função específica para adaptar o seu funcionamento em certas condições cósmicas determinadas.

Você não precisa estar em estado de morte clínica para experimentar isso, você pode experimentar agora, já. É só você prestar um pouquinho de atenção e você vê que além de mente e corpo existe alguma coisa. **[1:00]** Como é que você faz? Vamos partir do seu corpo e da sua mente, certo. Esse é o material que a cultura moderna nos deixou.

Mas se você prestar um pouquinho de atenção, você verá, o seu corpo é totalmente impermanente, as células dele estão trocando o tempo todo e quando você, desesperado com a fugacidade da suas ideias e a impermanência da suas ideias, você busca um apoio no corpo. Não, afinal de contas eu tenho uma identidade, eu tenho uma permanência e isso é atestado pelo meu corpo. Você está enganando a si mesmo. Mas, cá entre nós, você sabe ou você não sabe que você tem uma permanência? Que você tem uma identidade? Você sabe! Você não pegou isso nem da sua mente e nem do seu corpo, meu filho. Ao contrário, para você perceber que tem uma mente e tem um corpo, você precisaria ter essa identidade antes. O que é identidade? É o fundo anímico permanente do seu ser.

E, você pode penetrar nesse fundo agora mesmo se você quiser, é só você olhar para si mesmo, eu tenho que usar a palavra *olhar* como uma metáfora. É só você se conceber ou se perceber pelo que existe de mais fundo e permanente em você. Você pode imaginá-lo, por exemplo, como uma melodia ou como um ritmo ou como um som permanente. Isso exige uma certa atenção, que no início pode parecer difícil, você se transpor para esta, que não é outra dimensão, é esta mesma dimensão, apenas percebida na sua profundidade. Volte-se para essa espécie de ritmo ou melodia interior, este fundo de sentimento permanente, que tem por baixo de tudo que você está fazendo e diga: “Isto sou eu”. Meu corpo e minha mente são apenas aspectos disso.

Mas essa continuidade miraculosa, que tem dentro de mim, é isto que sou eu. Se não tivesse isso, eu nem saberia que tenho corpo e que tenho mente.

Quando você faz isso, tem dois fatores de distração: o primeiro são as sensações corporais, não ligue para elas, elas vêm e passam. E outro ponto de distração são os pensamentos, não ligue para eles, deixe que eles vêm e passam. Desfrute deste sentimento dessa sua unidade, pois ali é que está você. Ela não tem, provavelmente, uma forma, porque tem todas as formas possíveis. Não tem um conteúdo específico, porque tem todos os conteúdos possíveis também. Tudo o que você percebe do seu corpo e da sua mente, você percebe porque passou por ali, passou por essa sua identidade profunda. Mais ainda, se tudo que você percebe pelo corpo, pela mente é fragmentário e picotado, e se, não tendo unidade nenhuma, você não poderia perceber absolutamente nada, seria ridículo falar em percepção ou até em memória, se você não tivesse unidade nenhuma, então você sabe que tudo que acontece, não influencia este eu profundo, mas ao contrário, é influenciado por ele.

E aí foi o erro de Kant, ao pensar que o que unifica o mundo é a nossa mente, ou as estruturas da nossa mente, isso não tem nada a ver com a estrutura da nossa mente. Isso não é mente. Isto é o seu verdadeiro ser, todo mundo tem. Note bem, quando você ama uma pessoa, o que é que você ama nela? É o corpo ou a mente? Não. É isso [a alma imortal]. É a verdadeira realidade dela. Ah, então você sabe que isso existe? Sempre soube. Só que não tem nome para isso na cultura contemporânea.

Nós podemos ter acesso imediato ao nosso eu mais profundo e permanente. E é através disso nós conscientizamos a nossa imortalidade, temos aquela experiência que dizia Espinosa: “*Sentimus experimurque nos aeternos esse*”. Sentimos, experimentamos, que somos eternos. A primeira vez que eu li essa frase de Espinosa eu falei: “eu não sinto nada disso, o que há de errado comigo?”. É que Espinosa ainda tinha, embora todos os problemas que ele tinha com a religião judaico-cristã etc, ele ainda tinha herança da cultura antiga, ele tinha essa experiência que todo mundo tinha. O homem moderno não tem mais. Porque isso não tem nome. Tudo que nos acontece tem uma explicação corporal ou mental. Tem um nome corporal ou mental.

Até quando você fala em pessoa humana, hoje em dia significa que pessoa humana é uma coisa criada pela cultura. Digo, ora raios, se o meu verdadeiro eu não está nem na tal da pessoa humana, onde está o eu? Está aqui mesmo, e é isso que você ama nos seres que você ama. É a experiência mais banal do mundo. Claro que o corpo e a mente estão contidos dentro disso, mas o que você ama não é nem o corpo nem a mente. Isso é uma mistura das duas? Eu digo, aonde eles se misturam? A mente não pode mover o corpo e o corpo também não pode criar a psique, o corpo, o cérebro não pode criar os pensamentos etc. O corpo e a mente só se unificam neste eu profundo da sua alma imortal, é ela que move tudo.

Pela primeira vez, você entende que nós existimos sob a forma de tremendas forças cosmogônicas, que ajudam a estruturar a realidade do mundo exterior. Nós somos deuses, diz nosso senhor Jesus Cristo; e é isso que ele quer dizer. Agora, você pode encontrar milhares de livros, milhares – hoje em dia, sobretudo, com o negócio de Nova Era – que dizem que tudo que você

acreditar firmemente se tornará realidade. Existem milhares de técnicas que esse pessoal da Nova Era ensina para fazer isso. Essas técnicas todas têm alguma funcionalidade, elas funcionam um pouco. Só que tem o seguinte, a concepção geral na qual elas se baseiam, a concepção do cosmos que elas têm é de natureza kantiana, o mundo é apenas fenômenos e no eu está a verdadeira realidade. E isso é errado, evidentemente. Por quê? Porque dentro dessa alma profunda, dentro desse ego profundo, permanente que você tem. Dentro existe uma coisa mais essencial ainda, que é a presença de Deus, e dessa você não tem controle. Isso quer dizer o seguinte, este eu profundo tem uma certa força criadora sobre o mundo exterior, ele pode determinar algumas coisas. Porque este eu profundo, ele tem mais **[1:10]** durabilidade, constância e presença constante do que qualquer coisa do mundo exterior.

O mundo exterior é constituído todo de átomos e partículas que estão separadas uma da outra. Se eu fosse uma partícula, a próxima partícula estaria colocada a setenta metros de distâncias. O mundo exterior é ainda mais descontínuo que o nosso pensamento.

Aquilo que é mais contínuo tem mais força e determina o curso das coisas. O seu verdadeiro eu, ele é mais real do que o seu corpo, do que a sua mente e do que o mundo exterior. Ele é uma força estruturante do cosmos. Ora, imagine que isso aqui seja, a nossa mente e aqui estão as nossas experiências picotadas. Por baixo delas têm o seu eu profundo, que está ali o tempo todo, essas experiências todas, sejam físicas ou mentais, você só as percebe e só pode dar um sentido unificado a elas, por quê? Porque você tem uma unidade mais profunda, que não está no seu corpo nem na sua mente, mas que as abrange. Agora suponha que isso aqui é o mundo exterior, isso aqui é, vamos dizer, poderia fazer aqui uma terceira linha, mais picotadinha ainda, você tem aqui as aparências do mundo sensível, embaixo você tem as estruturas atômicas, também separadas e, por trás delas, você tem um negócio que hoje a física chama de matéria escura ou energia escura. Que é inacessível, mas que matematicamente os caras sabem que têm de estar lá. Onde estaria dado o que é a unidade do mundo físico, isso quer dizer que nós temos uma estrutura que é parecida com a do mundo físico, onde todas as partículas, todos os fragmentos que estão voando, estão unificados por um fator permanente que está ali.

É só você parar de chamar de eu o seu corpo e a sua mente, ou seja, as suas sensações, os seus pensamentos e você se voltar para aquela vivência mais profunda e permanente que está unificando tudo isso o tempo todo e começar a chamar isso de eu, pronto, toda a sua cosmovisão já mudou, você voltou para a antiga cosmovisão cristã. Ora, se esse nosso eu profundo ele tem uma força formadora, plasmadora, criadora sobre o mundo, ela pode afetar o curso das coisas e afeta mesmo. Ou seja, a raiz, por exemplo, de todas as formas de cura psíquica que existem no mundo, está aí e não na mente carnal. Se o nosso cérebro pudesse curar nós mesmos, ele não ficaria doente. E os nossos pensamentos, você vai dizer que um aglomerado de signos e de palavras vai ter um poder sobre mim? Não. A cura é a restauração da integridade, a restauração da integridade só pode provir daquilo que tem mais integridade ainda.

Quando Cristo disse: “aquilo que você tiver fé você vai obter de qualquer maneira”. Ele está falando da sua alma imortal, não da sua alma carnal. Não é aquilo que você tem fé, ou no estado de vigília, ou no estado de sonho que vai gerar realidade. É aquilo que você tem fé num estado de consciência permanente da sua alma imortal, agora. É aquilo que você crê no instante em que você está plenamente alerta para a presença dessa unidade profunda, o que nós chamamos de fé no dia-a-dia, são apenas pensamentos que nós temos aqui e ali. Isto não pode ter poder nenhum sobre a realidade. Você pode reiterar aquilo quantas vezes: tenho fé, tenho fé! Isso é uma besteira. Jesus Cristo jamais conversou com uma alma carnal. Ele só fala para esta. Agora, se você não tem a vivência do eu profundo, do eu permanente, que não é separado do corpo e da mente, mas contém o corpo e a mente, contém e unifica o corpo e a mente. Se você não tem essa vivência, então não adianta você ter fé, meu filho. A mente não move um palito. É da alma imortal que Cristo diz “vós sois deuses”. Note bem, essa alma é imortal, mas não é eterna. Quer dizer, nós nascemos um dia. Mas ao mesmo tempo, já nascemos coma a alma imortal.

Mas não é a ela que nós temos acesso desde o início. Nós primeiro experimentamos o mundo exterior, o mundo dos pensamentos, o mundo da cultura etc, etc. E alguém tem de nos avisar que tem a alma mortal. E que é desta que se trata no fundo, mas se ninguém avisa, meu filho, como é que vai fazer? Não só tem que avisar como tem que dar alguma dica de como é que você tem acesso àquilo. Eu estou dando a dica, é a coisa mais simples do mundo, é só você prestar atenção. Para prestar atenção você tem que penetrar num plano, de vivência psíquica que deixa passar as sensações corporais e deixa passar os pensamentos, não ligando para eles. Entendendo que eles são coisas menores. Na medida em que você faz isso, a sua atividade corporal e psíquica, corporal e mental, ela diminui. E entra em ação a consciência profunda da sua alma imortal. Então é por isso que você fica como um cadáver, durante aqueles momentos.

Isso não quer dizer que você precise entrar em alfa, não você não precisa entrar em alfa, você não deve entrar em parte alguma, você deve ficar aí exatamente onde você está. Você não precisa parar os seus pensamentos. É impossível parar os pensamentos, você não precisa controlar os pensamentos, não precisa controlar o seu corpo, não precisa fazer exercícios ascéticos o dia inteiro, “eu vou ficar um mês sem comer”. Não precisa fazer nada disso. É uma questão apenas de aonde está o seu eu e aonde está o seu verdadeiro tesouro. É uma coisa muito simples, que você pode fazer muitas vezes por dia, você pode fazer agora mesmo. Você pode me ouvir com a sua alma imortal ou me ouvir somente com a sua mente e o seu corpo. É uma questão apenas do foco: onde está você? Quem está falando? É fácil você perceber, se for apenas o seu corpo, não está falando nada, se for somente a sua mente, meu filho, o que se passa na sua mente não sai pela sua boca. Ao passar pela sua boca, é preciso que o produto da mente vire movimento muscular. E isso o corpo não pode fazer e a mente também não pode.

Portanto, quem age realmente é a alma imortal, você só não percebe isso por

quê? Porque a cultura não te dá os elementos para isso. Ela te dá uma visão falsa do eu e você continua acreditando nela. Embora no fundo, todo mundo saiba que é do jeito que eu estou falando. Mas, se você não tem a linguagem, a coisa não é socialmente legitimada. Se não há nem mesmo a percepção da sua alma imortal por você mesmo, como pode duas almas imortais se encontrarem e falarem uma com a outra? Todo diálogo é somente uma coisa impossível entre mentes **[1:20]** e corpos.

Quando eu digo que a cultura moderna separou uma coisa da outra, criou um dualismo insustentável, todo o conhecimento que se tem do homem também se fragmentou, foi parar um pedaço em cada parte. Não deixa de ser uma ironia extraordinária, que só quem se interessa, por práticas que despertem a consciência da alma imortal, sejam camaradas ateus, budistas, nova era etc, etc. Os religiosos não. Os religiosos têm a doutrina certa, evidentemente. A doutrina do nosso Senhor Jesus Cristo, sim, mas se eles não têm o instrumento [certo]. Eles estão exigindo que a alma carnal pratique tudo aquilo e ela não pode praticar. O outro tem a técnica certa, mas ele tem a doutrina errada. Essas técnicas que circulam por aí, elas abrem um caminho para a alma imortal, mas um caminho inteiramente demoníaco, em que a alma imortal vai acreditar na sua própria substancialidade, ela é a nossa alma imortal, mas não tem em si a sua própria substância. De modo que, imagine assim: tomei posse da minha alma imortal, tomei consciência e descobri que sou uma força cosmológica, ou seja, eu não sou uma vítima dos acontecimentos, estou produzindo acontecimentos, eu tenho a força.

O que eu pedir para Deus, ele vai me dar. E o que você vai pedir? Você vai chegar lá na sua alma imortal com critérios de prioridades de mente e corpo? É isso que a turma da Nova Era ensina. Se você encontrou por baixo dessa dimensão de mente e corpo, você encontrou a dimensão do eu profundo, você subiu na escala da dignidade, evidentemente, você não é mais um bichinho dotado de cultura, você é realmente uma alma imortal e você é como se fosse um anjo. E você entra lá, no seu estado angélico, levando todas as suas preocupações, de mente e corpo. Isso evidentemente não pode dar certo. Porque é a alma imortal que tem a visão de Deus, mas também é a alma imortal que a perde. As escolhas da alma imortal são uma coisa fundamental. Há uma escolha ainda nesse plano, mas são escolhas que a alma imortal faz em vida. Porque quando morreu já não tem mais escolha, já está feita a escolha. A vida terrestre é o plano da escolha, é o tempo da escolha. Eu acho que com isso aí, podemos encerrar essa parte e fazer um intervalinho.

Acredito que esta aula, ela já respondeu a várias perguntas. Especialmente a pergunta da Silvia, da Miriam Macedo, do Lívio Oliveira, especialmente, Silvino Franco. Bom, várias outras. Outras eu vou tentar responder aqui, também perguntas dos alunos presentes aqui, eu gostaria que repetisse.

Aluno: O que estávamos conversando no intervalo, sobre algumas pessoas que falam desse eu mais profundo, dessa alma imortal, como algo que suprime a individualidade, suprime as personalidades, algo transpessoal no sentido em que se diz só aquilo produzido pelo dualismo.

Olavo: A idéia de estados supra-individuais, assim como a idéia de você destruir ou dissolver o ego, são expressões inexatas. Em todo esse assunto, a verbalização é extremamente difícil, freqüentemente é tem que ser feita por modo dialético, afirmar a coisa por dois lados opostos, para que a realidade a qual você está falando apareça de algum modo, intuitivamente. É claro que as expressões são totalmente inexatas. É óbvio que alma imortal tem uma individualidade muito mais permanente, muito mais destacada do que a individualidade corporal que nós temos aqui. Longe de dissolver, ao contrário, aí é que a individualidade aparece, em algum ponto da Bíblia, eu sou muito ruim nesse negócio de decorar versículo, Deus diz “eu te conheci antes da criação do mundo”. Individualmente, cada um.

Aluno: Enquanto o senhor falava, tentei fazer um exercício para chegar ao eu permanente, o que mais facilmente observei é de que permanentemente mesmo há um medo em mim.

Olavo: Impossível. Medo não pode ser permanente. O que você sentiu mais intensamente num certo momento. Ninguém pode ter medo permanente de nada. O medo é um estado mental. O que eu estou falando não é um estado mental, é uma individualidade verdadeira. Portanto, o que houve foi aí uma interposição de um estado mental. O medo é uma idéia como qualquer outra, é um estado mental como qualquer outro, deixe que ele passe. Note bem, não se trata de você perceber nada. Não se trata também de você sentir nada. Trata-se de você saber, de você apreender a sua própria presença. É só isto. Não tem conteúdo. Não é uma idéia, não é uma imagem. Mas, eu posso dar algumas dicas de estados psíquicos que facilmente se associam a isso que estou dizendo. Se ao penetrar nessa região mais profunda, você não sente um júbilo e uma alegria indefinível, você não acertou.

*Aluno: Mas, o que **[1:28:51 Victor Frankl ???]** quer dizer quando ele fala sobre essa contemplação, quando ele fala de contemplação?*

Olavo: Sim, mas o próprio termo contemplação é errado, porque você não vai contemplar a si mesmo. Quando entramos nesse terreno, todas as palavras, elas são meio escorregadias. Eu exprimi aqui o meu próprio cérebro, para encontrar o mais exato e mais simples que eu podia. Na verdade, a experiência ela é tão simples, tão imediata, que ela escapa das palavras. Mas todo mundo tem. Por que os seres humanos, em todas as épocas e civilizações, tiveram cultos funerários? Sempre. Ninguém pega os cadáveres humanos e joga no lixo. É porque a consciência de imortalidade acompanha o ser humano, ainda que ele possa criar em cima dessa experiência as imagens mais extravagantes e as doutrinas mais esquisitas e **[1:30]** versões muito diferentes, o que importa não é isso. O que importa não são as idéias, não são as crenças, não são as doutrinas. O importante é a realidade daquilo que está presente em nós e daquilo que nós realmente somos.

Quando você tem esta experiência, ela vem acompanhada de uma certeza muito grande, porque é uma coisa que tem imediatamente presente, e aí se revela também um poder que você tem, a sua alma imortal é um poder formativo sobre a realidade, ou seja, ela é mais real que o exterior, mais real

que a sua mente, mais real do que tudo. É que nós estamos tão acostumados a chamar de realidade o corpo e a mente, quando num breve exame analítico você vê que eles não são tão reais assim, que hoje em dia nós temos que operar uma torção da nossa percepção para começar a chamar de real aquilo que é real mesmo, que é justamente esta coisa constante que tem em nós.

No instante em que há percepção deste poder, que é um poder que se exerce através da fé, aquilo que você realmente crê, que você vivencia como totalmente real naquele momento, você obtém. Só que aí aparece, vamos dizer, está no mercado, está à disposição no mercado, milhões de técnicas que lhe permitem chamar isso para chamar um táxi, aumentar a conta bancária. Qualquer outra coisa, um monte preocupações perfeitamente inúteis. É claro que a alma imortal está permanentemente em risco, é ela que está em risco, não sua alma carnal. Sua alma carnal vai morrer de qualquer jeito, você não deveria nem se preocupar com isso. Agora, a alma imortal pode passar pela segunda morte, o que é a segunda morte? A perda da visão de Deus. A perda da visão de Deus acontece quando a alma se toma a si mesmo como fonte de poder, não apenas portadora do poder. Daí o que aconteceu? Fechou a torneira. Qual é a nossa verdadeira substância, qual é a substância da sua alma imortal? É bondade divina, nós somos a bondade divina. Não é que somos criados por ela, não que somos produtos dela, somos presença dela. Nós não temos outra substância senão a bondade divina. E é por isso que eu digo que essa experiência é acompanhada por grande alegria, por um júbilo inexplicável. Você não está feliz com isso ou com aquilo. E aí você entende o que é o reino de Deus. É o reino das almas imortais que vivem inteiramente do amor umas pelas outras e do amor a Deus. Não há mais nada, nós não temos outra substância a não ser o amor divino. É isso o que nós somos.

E a hora que você percebe que você é isso, se você fica chateado com isso você é uma besta quadrada mesmo. O importante é o seguinte: tudo o que se passa no seu corpo e na sua mente não importa. Nós estamos acostumados a prestar muita atenção no corpo e na mente. Não sabemos que tem uma coisa mais básica. Mas a partir da hora que você tomou consciência de que existe essa coisa básica, você tem que deixar as idéias, que passem, elas não têm importância. É como se não fossem suas. O corpo vai continuar funcionando, a mente vai continuar funcionando, direitinho. Todas as funções, se você está guiando um carro, se você está comendo, está lendo um livro, continuam fazendo a mesma função. Só que aquilo se torna um pouco periférico, você está centrado numa outra dimensão mais profunda. Nada impede que você entre neste estado durante o exercício de qualquer atividade, aliás, é até bom. Você não vai entrar em alfa, você não vai mudar de estado, você vai ver mudar a perspectiva, o centro. O centro de atenção desloca. Qualquer elemento mental, se você tentar aí, definir o que está se passando, você terá que usar palavras, usar imagens etc, etc. Qualquer elemento mental vai atrapalhar. O medo, no caso em que fala o Tiago, não se incomode com o medo não, deixa ele passar. Você procurou o que há de constante em você. Não, não. Não é para procurar o que há de constante, é para procurar a sua constância, é você que está lá, não é o seu medo, a sua alegria, ou a sua esperança, não, não, tudo isso são estados mentais.

Veja, tente olhar a você mesmo como você olha uma pessoa que você ama. O que você ama nela? Um estado mental que ela tem? Ou é corpo dela? Ou uma ideia que ela tem? Não. Você não sabe o que você ama nela, você não consegue dizer, você sabe que é uma pessoa inteira. Então, você também tem que ser uma pessoa inteira. É só isso, daí você vai entender porque eu estou dizendo que o amor divino é a nossa substância. Nós não temos outra! Aí as pessoas dizem, mas aí entra o problema da salvação da alma. Sim, é justamente aí que entra o problema da salvação da alma. Acontece o seguinte, a salvação da alma é natural para Deus. Deus nos criou para isto. Se você para danar, então seria uma perda de tempo. De certo modo, nós já manifestamos no nosso próprio ser a salvação. A alma é imortal por sua natureza. Você só vai perder a salvação se você quiser. Por isso que eu dou uma sugestão a hora que você percebe que existe um poder nisso e que esse poder até transcende o mundo físico em torno. Você pode até fazer acontecer coisa, faz mesmo, como diz esse pessoal todo da Nova Era. Tudo depende do que você tem fé e do que você quer. Eu sugiro por via das dúvidas, quando você estiver nesse estado, dizer o que você quer. Eu sugiro por uma questão prática e para simplificar a guerra que você diga para Deus o seguinte: eu só quero duas coisas, o perdão dos meus pecados e quero estar com você por toda a eternidade. Aí não tem erro. Porque você também foi feito para isso, isso também é a sua natureza.

A natureza daquilo que provém, aquilo que manifesta a bondade de Deus é puxada por mais bondade. E não por isso ou por aquilo especificamente. Se você quiser isto, você vai ter isto. Mas você vai ter, é batata que você vai ter. Se a sua alma imortal quer isto e crê nisto, você vai ter. Não tem como não ter. É assim: para a alma imortal não existe incerteza, ela é um poder, não é uma coisa inconstante com a nossa mente. Aí é que reside a verdadeira fé.

Aluno: (...) pensando naquele versículo, hoje todos pecaram e carecem da glória de Deus, destituídos da glória de Deus, o que isso quer dizer na verdade? Como é que você pode alcançar isso por você mesmo?

Olavo: Você não vai alcançar por você mesmo. Não, não. Você não vai alcançar por você mesmo. Não é por você mesmo, de maneira alguma. Se você por você mesmo, então seria o exercício do seu próprio poder, seria um poder inerente a você. Você tem o poder de obter a coisa pela fé. É diferente de você ter o poder de fazer, você pode obter muita coisa no mundo terrestre com isso, mas você não vai obter sua salvação por sua própria conta, você precisa de um elemento mais profundo ainda do que a sua alma imortal. Que é aquele que te constitui a sua verdadeira substância, que é o amor divino. É esse que você precisa pedir mais. Mas a coisa mais importante é você aprender o seguinte: tudo o que vêm da mente e do corpo está vindo o tempo todo. Aquela **[1:40]** descontinuidade, aquela confusão, aquela coisa toda. Deixa continuar vindo, você não vai se separar do seu corpo nem da sua mente. Você não pode se separar de uma coisa que está contida em você.

Se a alma estivesse contida no corpo, seria outra coisa, mas é o corpo que está contido na alma. A alma é a sua verdadeira realidade e isto não é matéria de doutrina, de teoria, é uma coisa de experiência real. E vocês estão fazendo essa experiência, muitos estão fazendo agora mesmo. É só você passar a

chamar de eu outra coisa. E tirar essas ilusões. Bom, você pode começar aquela meditação hinduísta dizendo “eu não sou o meu corpo e não sou os meus pensamentos etc”. No fim você vai chegar à conclusão “eu sou Brahma”. Não é. Você é você mesmo. Você é você mesmo e no plano da alma imortal você é ainda mais você mesmo do que aqui. Aí é que você tem uma individualidade mesmo. Imortal, passa a ser eterna a partir daí. Por quê? Porque Deus quis que você existisse. Porque Ele pensou você e Ele amou o que Ele pensou. E Ele infunde o Seu ser em você. Não pode ser de outra maneira.

Aluno: Não sei se aconteceu com outros alunos, mas durante a aula de hoje, quando o senhor falou da alma imortal, do eu absoluto (...)

Olavo: Não é bem absoluto, absoluto só Deus, é imortal.

Aluno: (...) eu vivenciei uma espécie, desculpe o termo, de arrebatamento místico. Tenho treinado meditação do tipo zen-budista há algum tempo e nunca presenciei nada semelhante.

Olavo: Quem tem alguma prática dessas meditações, naturalmente você fará isso que estou dizendo com mais facilidade. Todas essas práticas, todas essas técnicas, o problema é que elas ficam encaixadas numa esquemática doutrinal que está errada. As vezes uma metafísica errada. Essa coisa dos estados supraindividuais. Nós não temos uma verdadeira individualidade aqui, terrestre. Nós somos uma coleção de fragmentos. É no plano da alma imortal que nós temos a verdadeira individualidade. Se for para dissolver a individualidade, se a individualidade é apenas uma ilusão terrestre, então eu não poderia ter nenhum acesso à minha alma imortal em vida. E no entanto nós temos.

Aluno: O processo de localização do eu absoluto tem alguma identificação com os resultados apreendidos por um praticante de meditação?

Olavo: Sim, certamente! Toda meditação visa isso, mas acontece que por causa da linguagem usada, da formulação freqüentemente inadequada, às vezes formulação feita para outras épocas e outros contextos, nós nos equivocamos. Estou partindo do princípio que o seguinte: é algo que não vou poder provar aqui, eu acho que quem tem a doutrina certa é a Igreja Católica, mas ela não tem a técnica certa. Então, você sabe a verdade, mas você não consegue realizá-la. Fica faltando algo. Esse algo, nós vamos pegar onde tem. Se é no budismo, ótimo, pega do budismo, se é do hinduísmo pega do hinduísmo, pega de qualquer lugar e você vai recompondo a figura humana que foi perdida no curso da evolução cultural. Uma evolução dentro da qual a Igreja ficou como barata tonta, levando porrada de tudo quanto é lado, sem saber o que fazer. Até hoje as reações da Igreja à modernidade foram absolutamente deploráveis. O que não impede que ela esteja com a doutrina certa. Ela está com a doutrina certa sim, só que ter a doutrina certa é uma coisa, você saber o que fazer num momento determinado é outra. Mas é a infalibilidade? A infalibilidade é matéria de doutrina e de mandamentos morais. Mas e a técnica? E agora como é que faz isso? Aí é outro problema. E se a coisa nos veio por outras fontes, bom, nós temos que agradecer essas outras fontes.

Por exemplo, eu não posso negar que toda a reconquista da noção da compreensão simbólica do universo veio por via islâmica, através das taricas sufis, René Guénon, Schuon, nós temos que agradecer. Tem até um ditado islâmico que diz: “Não pergunte quem eu sou, mas recebe o que eu te dou”. Não sei quem é você, não sei quais são suas intenções. Mas a parte boa do que você pegou, me deu eu pego. E o resto, o que está errado aí? Bom, eu não tenho nada a ver com isso.

Não é da minha conta, não estou aqui para ficar condenando você, espero que você se salve e que dê tudo certo. Eu até escrevi um artigo sobre isso para o Digesto Econômico, este vexame que os católicos fizeram de ter que receber de volta a compreensão do simbolismo do próprio catolicismo da mão de muçulmanos, é uma vergonha, mas aconteceu. Por causa disso nós vamos rejeitar? “O cara é muçulmano então eu não posso receber nada”. Então você está pecando contra o Espírito Santo, você não quer a verdade. E a técnica? Eu acho que quem tem as melhores técnicas de meditação são os budistas mesmo. E eu não preciso sair do quadro doutrinal católico para pegar isso aí, não preciso e não devo.

Aluno: As linhas contínuas, representadas graficamente no quadro, podem representar um paralelismo simbólico entre a presença do ser que falava Lavelle e a consciência de si como tratava Santo Agostinho?

Olavo: Perfeitamente.

Aluno: Comecei a fazer o exercício da leitura lenta do La présence Totale de Lavelle, procurando seguir a sua orientação de tentar reconstituir a experiência do próprio autor, logo no primeiro parágrafo eu me deparei com o seguinte: existe uma experiência inicial que está implicada em todas as outras e que dá a cada uma delas a sua gravidade e a sua profundidade. É a experiência da presença do ser, reconhecer essa presença, reconhecer essa presença é reconhecer ao mesmo tempo a participação do eu no ser.

Olavo: É disso mesmo que eu estou falando. Isso não é corpo, isso não é mente. É simplesmente a presença do ser. É uma coisa que abrange a corporalidade, a mentalidade, quantas outras dimensões você queira, está tudo presente ali. Esta presença, de você a você mesmo, não é uma experiência mental, é o que possibilita a experiência mental. Porque o mental é todo picotadinho. Não daria nem para você recordar. Se você não tivesse uma realidade substantiva por baixo de você, você nem se reconheceria. E é por isso que ficar perguntando como é que a mente move o corpo. A mente não pode mover o corpo, meu filho. Ambos são movidos por uma coisa que os abrange. Do ponto de vista de quem foi educado na cultura moderna, que só pensa em mente e corpo, quando você percebe essa outra dimensão, é uma coisa tão grandiosa que você fica achando que você agora é a própria fonte do universo. E daí você está danado. Este é o grande pecado. O que tem que ser humilde não é a coitada da sua alma carnal, que já é o medo, só leva porrada de tudo quanto é lado, quem tem que ser humilde é a sua alma imortal.

Aluno: Você fala da alma imortal como um constante permanente, modificando

o ambiente em torno de si sem ser modificado e, no entanto, essa alma imortal parece ter uma história, que vai culminar em salvação ou danação.

Olavo: Ela tem uma história, porque você não está **[1:50]** vivendo no plano da eternidade. Você não está na eternidade. Você está apenas na perenidade. A perenidade é um negócio que não tem fim, mas que não é eterno e na perenidade existem histórias. Todas as histórias míticas se passam na perenidade. Você está, de repente, transformado numa entidade, como se fosse, um anjo, ou Júpiter, ou Vênus; você é uma força cósmica, evidentemente. Isto é a sua verdadeira natureza, isto é a sua alma. É a mesma coisa que dizer “bom, grande porcaria, você é só mais uma alma entre bilhões”. Segundo, você continua não tendo nenhuma substancialidade própria, sua substância é a bondade divina. Você é grande, mas não é dois. Não fique achando que você é muito importante por causa disso. A experiência da conquista desse poder pode ser traumática ao ponto de o sujeito se divinizar ali mesmo.

Eu estou avisando, quando você chegar lá, não peça mais nada, só peça essas duas coisinhas porque se você pedir isso aí você não erra. E se é isso o que você realmente quer isso Jesus Cristo disse, aquilo que você pedir com fé, acreditando na plena realidade daquilo, eu tenho fé, eu sei que é a bondade divina que me constitui que é a minha substância e é isso que eu quero por toda a eternidade, Deus não resiste a isso. Isso Cristo disse: “aquilo que você pedir com fé em meu nome não será negado”. Se você pedir isso, batata!, mas não é a alma carnal que vai pedir. Você tem que pedir no momento em que está plenamente consciente dessa sua modalidade de presença, que não é uma presença nem na Terra, nem no céu, nem no espaço, é uma coisa supra-espacial, abrange todo o espaço. Não está fora do espaço, aquilo que abrange, contém, necessariamente.

Aluno: Nesse ponto, como é que entraria a questão do mal aí, seria um extrapolar disso, ou só achar que pode tudo, que está acima de tudo. A maldade se daria aí?

Olavo: É claro que está. Este não foi o problema do próprio demônio? O demônio não era uma força cosmogônica? Só que ele achou que era *causa sui* (causa de si mesmo); o que é uma tentativa terrível. Se foi até para ele que já tinha nascido assim, quanto mais para nós. Que de repente nos sentimos elevados, sofremos esse *upgrade* e descobrimos como Espinosa “sentimos e experimentamos que somos eternos”. Você precisa saber isso: você não tem outra substância senão o amor divino, você é isto! Não é que você foi criado por isso, ou seja, o amor divino pode criar outra coisa que não seja criar amor divino? Não, seria fazer buraco na água.

Aqui tem a pergunta de um aluno anônimo, por que tem um aluno anônimo? Ô, Anônimo sua pergunta é boa, mas eu não vou responder não, eu não converso com quem não existe.

Aluno: Na primeira parte da aula não parei de pensar numa experiência que já se repetiu algumas vezes, acordar no mesmo lugar em que fui dormir, mas

durante os primeiros segundos não saber onde estou e quem sou. Essa experiência não confirmaria a concepção kantiana de que nossa mente é que dá coerência ao mundo e unidade ao real?

Olavo: Ela não pode dar. É a sua unidade que traz de volta à sua mente a sua mesma capacidade de apreender os dados do mundo exterior que permanecem constantes. É o contrário, a unidade do seu ser se restaura no mesmo instante em que a unidade do mundo exterior se restaura. Não é a sua mente que está fazendo isso. As palavras nos confundem, as vezes a palavra psique, alma, é usada para designar uma coisa, as vezes, para designar outra. Nesse sentido que estou falando, não é num sentido mental, é a sua verdadeira realidade, que não se define nem como mental nem física, porque ela é as duas coisas e mais muitas outras ao mesmo tempo. O mental e o corporal estão dentro dessa realidade, e em caso de dúvida, se você fica desorientado nisso, pergunte: o que eu amo na pessoa que eu amo? É o corpo dela? É a mente dela? Quando você ama uma pessoa, seja sua mulher, sua namorada, sua filha, sua mãe e você se lembra que essa pessoa vai morrer - você vai parar de amá-la quando ela morrer? Não. Então quer dizer, para o amor não existe morte. Por isso que São Tomás de Aquino dizia que o amor é o desejo de eternidade do ser amado. É instintivo. Acho que a palavra instintivo designa uma coisa da natureza animal, mas é uma figura de linguagem. Não é instintivo, é espontâneo, espontâneo é absolutamente incoercível.

Aluno: Então o ego é sua alma imortal?

Olavo: Sim. Porque esse é o verdadeiro eu. O outro, o eu carnal é apenas uma coisa provisória que muda muitas vezes durante a vida. Mas para ele poder mudar, ele tem que ter uma substância que permaneça. Nós nos vemos de muitas maneiras no decorrer da vida, mas para que essas maneiras possam se suceder, elas têm que suceder a alguém, tem que haver um sujeito embaixo.

Aluno: Olavo, como é possível que nós não possamos esquecer da nossa própria alma imortal e de algum modo amar a alma imortal de uma outra pessoa?

Olavo: Aí é que está, a alma imortal continua existindo do mesmo modo, ela não vai sumir. Não é porque a cultura desapareceu com ela e porque você não tem instrumentos linguísticos que a coisa desaparece, a realidade continua sendo a mesma. Apenas a nossa conversa, conversação cultural é que está errada. O fenômeno do amor humano está aí, comprovando que a coisa não sumiu. O desejo espontâneo que nós temos de proteger da morte os seres amados, sabendo que não vamos poder proteger para sempre fisicamente. Mas o desejo de proteção se prolonga espontaneamente com o desejo de eternidade. Nós temos isso para com todos os seres que nós amamos. Todos, sem exceção. E é exatamente esse eterno neles o que nós amamos, que é o verdadeiro ser deles. Não é uma experiência mística, não é estado alfa. Você pode ter esse senso da sua própria presença imortal agora mesmo. Só não procure transformá-lo num estado psíquico. Deixe o estado psíquico passar, ele não tem importância. Ele pode ter importância em outro momento, mas agora não. Além disso, é possível coexistir essa percepção com qualquer estado

psíquico. O estado psíquico vai passar de qualquer maneira. Não é preciso entrar numa sala para meditar, entrar num estado não sei o que, não é isto. É questão de mudar o sentido que você dá à palavra eu para você mesmo.

[2:00] *Aluno: Fui comprar as Confissões de Santo Agostinho, pensei que seria difícil de encontrar, mas é bem fácil, aliás, pelo contrário, há mil e uma edições. Há uma da coleção Os Pensadores e outra da editora Martin Claret.*

Olavo: Olha, eu não sei. Eu li as Confissões na edição do *Great Books* da Enciclopedia Britânica, cujas edições são confiabilíssimas. Eu não li todas as traduções, não posso opinar sobre todas. Em caso de dúvida você pega a do *Great Books* da Enciclopédia Britânica mesmo. Ou uma outra edição que seja a mesma, que foi editado por outra casa editora, mas com o mesmo tradutor, sendo a mesma tradução. Se falhar tudo, existe um negócio na internet que chama *coleção Perseus*, que tem os textos clássicos da antiguidade em versões confiabilíssimas, você não vai pagar nada.

Aluno: O professor falou sobre literaturas inferiores que não vão exprimir a possibilidade humana real e, portanto até serviram para alimentar o nosso capital imaginativo, mas que são repeteco do repeteco. Nesse sentido, as obras de arte, queria saber como ficamos em relação à música e o cinema? A música, como você reforçou tendo um papel fundamental limitar-se-á ao gênero erudito?

Olavo: Não, de maneira alguma. As canções populares folclóricas são a base de tudo. A música tornou-se erudita a partir de uma certa época em que as pessoas começaram a dedicar uma atenção intelectual maior e especular combinações mais complexas.

Aluno: (...) mas para identificar, sendo o cinema a mais difícil.

Olavo: O cinema é uma arte, nesse sentido que estou falando, é uma arte muito pobre. As obras de arte cinematográfica que têm mesmo algo a dar ao ser humano são poucas, relativamente poucas. E nem sempre eu acho que são aquelas que a crítica celebra, porque a crítica tem mil e um propósitos enviesados, tem ali interesses comerciais, você tem um grupo apoiando o outro, tem elementos ideológicos, tem muita coisa cruzada e de certo não é o cinema a esfera em que a inteligência humana se exerceu de maneira mais sublime.

Ele faz uma pergunta sobre a vacina da gripe suína, ele diz que aqui nos Estados Unidos o pessoal divulga as denúncias que se tem contra isso, mas que no Brasil não se fala nada, nada. Meu filho, nascer no Brasil é uma coisa que ninguém deveria fazer; ficar no Brasil é a segunda coisa que ninguém deveria fazer, agora, se é para ficar aí, então você tem que fazer algo para que a sorte dos seus filhos seja um pouco melhor. Se você pegar toda a cultura que está imbricada na vida brasileira de hoje, ela, em primeiro lugar, tem horror de tudo aquilo que é elevado, belo e sublime, só podemos ter vivências pequenininhas, estúpidas, banais, iguais as de todo mundo. Você nunca pode demonstrar excesso de inteligência, excesso de talento; tudo que você faz tem

que ser um pouco mal feito. Por exemplo, veja aquelas criancinhas que vão cantar no *British Got Talent* e veja as que vão cantar no Brasil, é um massacre, uma coisa terrível, feita para nos humilhar. Outro dia eu estava fazendo a coleção de canções *country* aqui nos EUA, eu sempre gostei daquilo, mas nunca tinha prestado maior atenção, eu comecei a colher o que tinha, daí vi que aquilo é um oceano de maravilhas, todas elas interpretadas por cantores da mais alta qualidade, não tem um que falhe. Cantores excelentes que têm aqui, não acabam mais.

No Brasil, quando você pega certas canções muito bonitas, procura uma interpretação que preste, você não encontra, não tem. No Brasil o pessoal ouve Caetano Veloso, o quê que é isto? O Caetano Veloso compôs umas musiquinhas bonitinhas, mas ele nunca deveria cantá-las. Tinha um compositor que eu gostava muito, o Luís Vieira. O Luís Vieira compôs músicas lindas e em seguida as estourava completamente cantando-as ele próprio. Por que eles fazem isso? Aqui se o sujeito não sabe cantar ele manda outra cantar, ora. O Vinícius de Moraes, ele tem várias coisas muito bonitas, daí ele mesmo cantava e estragava tudo. Mesmo que o sujeito acerta um negócio bom, mas se ele acha que se ele caprichar demais ele vai humilhar as pessoas, então tem que estragar um pouquinho para ele mostrar que ele é gente como os outros, ser gente no Brasil significa ser defeituoso. Se você é um cara inteligente, você tem que ser um pouco burro, daí prova que você é humano. A concepção do humano no Brasil é uma coisa muito deprimente e isso é assim em tudo, tudo, tudo. Esses problemas que eu falei na aula de hoje, essas limitações, são inerentes à cultura mundial, pelo menos no mundo ocidental, no Brasil além desses problemas tem os outros que são locais, tem certas limitações que são locais, que as vezes são muito difíceis de você vencer.

Se você pega, por exemplo, na música popular, só tem dois tipos de interpretes, tem o sujeito que tem voz, mas não tem treinamento, sobretudo não tem prática teatral, não tem nada, então faz uma interpretação absolutamente histriônica. Eu vou dar aqui exemplos, o Vicente Celestino tem uma voz maravilhosa, mas tem uma prosódia absolutamente demoníaca. Agnaldo Rayol, aquele que foi deputado, Agnaldo Timóteo. Esses caras tem voz, se estudassem um pouquinho seria uma maravilha, quando pega um cara que tem voz e estudou, que nem o Paulo Xote, que ele faz? Vem aqui para os Estados Unidos, porque no Brasil não vão dar chance para ele.

Então, tem esses interpretes com voz histriônica e tem o sujeito que não é histriônico porque ele não tem voz nenhuma, João Gilberto, Caetano Veloso, as interpretações deles são modestas. Mas como dizia o Bernard **Shaw no [2:08:38], é um** homem modesto que tem boas razões para sê-lo. É aquela interpretação que não faz inveja a ninguém, ninguém tem inveja do Caetano Veloso cantando, ninguém tem inveja do João Gilberto cantando, e por isso mesmo dizem que eles são gênios. Porque você dizendo que eles são gênios, você se sente mais gênio ainda. Só tem esses dois tipos de coisa; e quem não [se] encaixa nem em uma coisa e [nem] em outra, o sujeito tem voz e canta maravilhosamente bem, o que acontece? Daí dão um repertório miserável para ele cantar. E eu vou dar dois exemplos: Carlos Galhardo e Francisco Petrólio tinham voz e sabiam cantar, então davam umas músicas dum mau-gosto

execrável para eles cantarem. Porque sempre tem que estragar? Porque não pode juntar tudo que tem de bom e compor assim? Junta mil cantores para ver se compõe um. O dia que tiver o primeiro vai aparecer o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto. Mais ainda, aqui você tem sempre a interpretação, era assim até os anos 40, 50. Você tem a interpretação padrão, ela é assim: correta, discreta e sem variações **[2:10]** individuais. Depois aparecem outras interpretações, que acrescentam outras coisas, modificam.

No Brasil não tem isso. Eu lembro, por exemplo, tem a música do Oscar Castro Neves, uma música maravilhosa. A única interpretação que valia era a da Alaíde Costa, mas era uma interpretação jazzística, que já modificava a melodia, já atenuava, já tornava meio falado. Eu sempre gostei muito da Alaíde Costa, a encontrei num avião, fiquei entusiasmado, “sou seu fã”. Mas ela não pode ser a intérprete central daquilo, porque já é uma outra variação.

No Brasil vocês têm que começar tudo do zero, eu gostaria imensamente que a cultura do brasileiro começasse com vocês, porque não sobrou nada, acabaram com tudo. Nós podemos fazer o que quisermos, de certo modo é até uma situação até confortável, não tem quem possa nos julgar. Eu, pessoalmente, fiquei nessa situação, por exemplo, quando eu publiquei o livro do Aristóteles, “não há ninguém capacitado para julgar essa porcaria aqui”. A opinião do cara não me interessa absolutamente, eu não sou superior à opinião alheia, desde que a opinião alheia mereça ser ouvida. Sempre recebi muitas observações de pessoas de outros países, até corrigindo uma coisa ou outra, fui muito grato, mas no Brasil, o que dissesse ou deixasse de dizer não tinha menor importância. Vocês vão estar na mesma situação, daqui a cinco, seis, sete anos, quando começar a escrever, a publicar livros, dar aula, falar etc. Vocês não têm que olhar para os lados para saber o que os outros estão achando, não porque vocês são superiores, orgulhosos, mas porque não há pessoas qualificadas para julgar aquilo. No exterior você encontra, ainda encontra.

A Celina também pergunta aqui, ela se refere às experiências de percepção extra-sensorial, de vidas em estado de morte clínica.

Aluno: Quanto se toma o santo daime, o peyote, LSD, o sei lá mais o que, há a sensação de clarividência, a percepção de tudo entender.

Olavo: É a prova de que isso não é experiência do eu profundo. É uma intensificação do mental apenas e isso pode ser inteiramente lesável.

Quando você toma consciência desse eu profundo, a única experiência que você tem, a única vivência que você tem é a sensação de realidade e uma alegria inexplicável. E essa alegria é você. É só isso. Pode se acrescentar milhões de outras percepções e acesso a mil conhecimentos se for uma coisa pertinente, se não, não. Você perceber a sua alma imortal já não é suficiente para você? Você vai querer descobrir todos os segredos do cosmos? Ter acesso a planos superiores de existência, estados supra-individuais? Você está querendo muito, você antes era um bichinho, a mistura de bichinho e cidadão, agora você é uma alma imortal e está reclamando? Isto aqui, peyote, LSD,

santo daime, isto é tudo uma falsificação da alma imortal. São estados mentais e a mente tem milhões de estados possíveis. A mente, de fato, é mais rica do que nós a compreendemos, mas ela não é uma alma imortal; ela está dentro da alma imortal.

Aluno: Quando o Raymond Abellio fala de transfiguração fenomenológica, também é só uma intensificação do mental, ou aí já é algo mais?

Olavo: Eu acho que também é uma intensificação do mental. O Abellio é um gênio. Ele pergunta aqui se a transfiguração fenomenológica que fala Raymond Abellio é um algo mais ou é apenas intensificação do mental, o Raymond Abellio é um gênio, mas de espiritualidade ele tem zero. É um gênio do mental.

Aluno: Eu sinto o círculo se fechar ao meu redor, "amigos", colegas e família, principalmente minha própria esposa, me criticam por dedicar mais tempo às aulas e aos estudos. Hoje ela me chamou de viciado nessas coisas, preguiçoso, que não dá mais atenção e não conversa mais comigo. O que eu posso conversar se ela se recusa a estudar comigo? Se ela não quer falar sobre as coisas que estou aprendendo no curso? Só quer falar coisa de bicho, só reclama da vida.

Olavo: Ensina para ela esse exercício da alma imortal. Eu duvido que ela não se interesse. As vezes, a sua capacidade de compaixão pela pessoa com que você vive, pode ser exigida até o extremo. Você vai ter que ser bom, ser paciente, orar pela pessoa. Quando você, às vezes, preferia torcer o pescocinho ou jogar pela janela; mas não desista não, seja mais constante; a constância vence tudo. A hora que ela ver que não tem jeito, ela vêm atrás. Mas primeiro você precisa ter essa firmeza e você só vai ter essa firmeza através disso que nós ensinamos nessa aula de hoje. Enquanto ela achar que é apenas uma teimosia sua, ela tem esperança de mudar a sua idéia. A hora que ela perceber que não é uma coisa que você está pensando, mas que você é isto, aí não tem jeito.

Aluno: Vejo que nas aulas o senhor gosta de fumar com piteiras, você usa piteira com filtro para alcatrão, nicotina etc? Digo isso porque particularmente prefiro a fumaça mais fria.

Olavo: Não, eu uso piteira sem nenhum filtro, só para tornar mais fria, porque fica mais gostosa.

Aluno: Qual o significado daquela gravura colada na página do curso da aula passada?

Olavo: Isso aí você só vai entender ouvindo a aula passada. Que é o quadro do Hans Holbein, *Os Embaixadores*, eu acho que é disso que você está falando. Na aula está uma explicação da gravura. Na aula retrasada. Está falando a aula passada porque a pergunta veio antes.

Aluno: O senhor poderia comentar o seguinte trecho de Kierkegaard, à luz do que disse no início da aula? No inexplicável não conseguimos acreditar por

mais de dois minutos. Daí diz ele [Kierkegaard]: “Sem risco, não há fé, a fé é precisamente a contradição entre a paixão infinita da interioridade do indivíduo e a incerteza objetiva. Se sou capaz de compreender Deus objetivamente, eu não creio, mas precisamente porque não posso fazer isso devo crer.”

Olavo: Eu não concordo com isso de maneira alguma. Eu acho que, na medida em que você tem essas experiências, você se persuade da existência de Deus de tal maneira, que a palavra fé deixa de significar crença, ela passa a significar fidelidade, constância, persistência e sobretudo, como diz Cristo, exercício de um poder. O poder de fazer acontecer, o poder de ser ouvido e atendido por Deus. Essa é outra fé. Fé não é só crença. Kierkegaard levanta o protesto da alma individual, contra todo o poder alienante da filosofia acadêmica na época, mas isso não quer dizer que ele estivesse compreendendo grande coisa. O problema dele ainda era, vamos dizer, a fé como crença. Eu quero acreditar, **[2:20]** mas não tenho evidência objetiva. Mas tem milhões de evidência objetivas. Não objetivas no sentido da ciência física moderna, a ciência física moderna pode lhe dar algumas dicas, até mesmo eu uso algumas delas.

Mas eu acho que você querer uma evidência de Deus, à partir da sua alma carnal, aí é realmente você exigir o impossível, a primeira coisa é você tomar posse da sua verdadeira condição, que é a condição de alma imortal, daí as coisas começam a se esclarecer. Aí você já não pode compreender a fé como crença. Acabei de dizer que a alma imortal faz escolhas, ela faz escolhas durante essa vida. A alma é imortal, mas a escolha é feita aqui, durante essa vida. Ela escolhe entre ela continuar recebendo influxo da bondade divina, ela deixar-se constituir eternamente pela bondade divina ou ela ser uma fonte própria. Essa é a grande escolha, não se trata de crer ou não crer. A fé não tem o sentido de crença, ela tem o sentido de fidelidade, *fides* em latim. Quem disse que se você sabe uma coisa você não precisa de fé? Quem disse que para você continuar acreditando na verdade sabida e comprovada você não precisa de fé? Quantas vezes nós não sabemos uma coisa e nós mentimos, para nós mesmos e para os outros. Se você tivesse todas as provas do mundo, ainda assim você precisaria da fé. Por quê? Porque você não é um conjunto de proposições, você não é um discurso. Você é uma alma vivente que tem escolha, tem um destino e corre risco.

Se fosse tudo uma questão de discurso, bastaria dizer sim às proposições que você aceita e está tudo resolvido. Pergunte para você mesmo, se você sempre foi fiel àquilo que você sabe. Uma vez me perguntaram qual é a definição, “você fala de honestidade intelectual, honestidade intelectual”, quem consegue definir isso? Eu falei “eu consigo, defino agora mesmo”: honestidade intelectual é você não fingir que sabe aquilo que não sabe e nem que você não sabe aquilo que você sabe. Se fosse preciso fé somente nas coisas que você não sabe, a honestidade intelectual seria impossível, ou ela não seria problema de maneira alguma. O fato de que existe o problema da desonestidade intelectual prova que aquilo que é arquisabido e comprovado também requer fé, requer fidelidade. Quando São Pedro negou Jesus três vezes, ele não sabia? Você quer mais provas do que ele teve durante o tempo que ele viveu com Jesus Cristo? Ele tinha todas as provas, e daí? Parem de dar a fé sentido de

crença, isso é um sentido diminuído, kantiano. É uma blasfêmia você usar palavra fé nesse sentido, a fé nunca foi isso.

Aluno: Olavo, [alguém faz uma observação sobre um homem que teve esperar 10 anos para a mulher entendê-lo].

Olavo: Dartagnan Esperou dez anos para a mulher dele acordar e começar a estudar. Então Tiago, seja durão, não ceda um milímetro. Juliano, Juliano, seja bom com ela, sempre carinhoso, bondoso, se ele estiver brigando com você, você “não, meu amorzinho, tudo bem”. Ela quer que você assista o Faustão e você continua lá lendo São Tomás de Aquino, e não adianta ela gritar, esbravejar que você não vai sair dali. Você vai ver você está salvando uma alma. Não ceda não, não ceda, não negocie, mas também não brigue porque não adianta, ela tem que entender que isso aí é uma fatalidade, falar “olha o Juliano é assim”, é que nem você querer que dois mais dois dê cinco, não vai dar, não vou conseguir tirar ele desse negócio. Como dizia Maquiavel, quem não pode vencer, adere.

Aluno: Como o senhor vê o espiritismo, Chico Xavier, no contexto dessa aula?

Olavo: Não vejo absolutamente. Pouco ou nada sei a respeito.

Aluno: O senhor disse que uma concepção dicotômica do ser humano vem desde Galileu e Descartes. Minha pergunta é: como isso aconteceu exatamente?

Olavo: Aconteceu no instante em que acreditaram que era possível determinar as leis constantes que regem o mundo físico. Se existe um conjunto de determinações constantes, matematicamente expressáveis e o mundo físico pode ser definido por elas, então, ele não depende de mais nada além dessas leis. O mundo físico se torna uma realidade por si mesmo, o que é uma impossibilidade pura e simples. A própria ciência física não demorou a descobrir que as coisas não podem ser assim, que essas famosas constantes, de Newton, Galileu etc, elas não existem absolutamente, elas não apenas uma impressão que você tem dentro de determinados âmbitos muito limitados da realidade.

Então essa suposta autonomia do mundo físico foi que criou toda essa ilusão e toda essa perversão da inteligência, na verdade. Porque daí as pessoas acreditam que elas podem se apoiar no mundo físico. Augusto Comte dizia que você tem que reger o interior pelo exterior porque ele imaginava que a nossa mente está continuamente voando e tal, mas o mundo físico tem aquela solidez. Mas [o mundo físico] não tem solidez nenhuma. Num primeiro momento pareceu que tinha solidez. Newton tinha razão, resolveram-se todos os problemas, Newton e Galileu resolveram todos os problemas. Agora já sabemos como funciona todo o universo físico, não, não sabemos não. E esta crença no mundo da física moderna, ela chegou ao extremo de que no fim do século XIX um químico e historiador das ciências, **[Max Lamberteaux]** ele disse: “já descobrimos tudo na natureza, para o século seguinte só falta calcular algumas decimais faltantes”. Menos de dez anos depois veio a física

relativista, veio a física quântica e estuporou com tudo.

Então, esse dualismo foi uma ilusão, uma auto-hipnose, só que no mundo, o mundo científico já se livrou disso. Essa semana eu estava assistindo um curso, de um professor chamado Bernard Schumacher, sobre física quântica, você vê que tudo isso já acabou, ninguém mais tem essa ilusão. Mas a coisa se impregnou na cultura geral, então o recinto específico das ciências físicas está livre disso, mas acontece que a cultura ainda é determinada pela concepção dualista de Galileu e Descartes e se a cultura é determinada, então a auto-imagem das pessoas também é; pouco importando se você é religioso ou não, você pode ser o maior católico da paróquia e no fundo ele está acreditando lá naquele dualismo, naquela coisa, então significa que tudo aquilo que é de Deus para ele é inexplicável, então ele tem que acreditar em tudo por fé, a fé vira uma espécie de teimosia e daí o problema do Kierkegaard. Aliás, ele não era católico, era protestante. A fé vira uma aposta no inexplicável, aí eu digo: “ah! eu não consigo ter tanta fé assim”, Jesus Cristo nunca exigiu isso da gente, se ele exigisse, então ele primeiro não viria a terra, [Ele diria:] “você vão ter que acreditar em mim mesmo que eu jamais apareça”, ele não fez isso, ele não faria milagre nenhum, ele ia chegar no cego lá e dizer “não, você vai continuar cego e vai acreditar do mesmo jeito”. Foi isso que Jesus Cristo fez? Ele nunca fez isso, esse pessoal está exigindo mais fé da gente do que Deus jamais exigiu, é uma espécie de radicalismo da fé, fé hiperbólica. No Brasil é assim, se você não aceita isso aí, você é agnóstico. É tanta besteira meu Deus do céu.

Bom, eu acho que não dá mais, já passou do tempo. **[2:30]** É isso aí, até semana que vem, muito obrigado.

Transcrição: André Assi Barreto. 19/01/2011 [andre.assibarroto@gmail.com]
Revisão: José Márcio Carter. 26/02/2011 [josemarciocarter@gmail.com]